

“Encontros tudo a ver”. Reflexo dos grupos de consciência do Feminismo de Segunda Onda na produção do sujeito político do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (CELLOS/MG)¹

Felipe Bruno Martins Fernandes*

Resumo

Como os grupos de consciência do Feminismo de Segunda Onda refletem na organização do Movimento Homossexual Contemporâneo? Esta é a pergunta do presente trabalho, cujo direcionamento de um novo olhar sobre os dados do mestrado tornou-se possível a partir de Pedro (2007). Parte de fontes orais (histórias de vida) produzidas com quatro interlocutores para traçar o papel das experiências pessoais na constituição do ativista homossexual. Os “Encontros Tudo a Ver”, como são nomeadas as reuniões semanais do CELLOS/MG, são entendidos como rearranjos dos grupos de consciência do Feminismo de Segunda Onda, em que as mulheres passam a discutir a questão da subjetividade em coletivos formados exclusivamente por elas. Nas reuniões, homens homossexuais são encorajados a falarem de si e, desta forma, produzem no cotidiano suas identidades. O indivíduo é objetivado como substância da transformação social. As reuniões propõem o diálogo de visões de mundo centradas no eu, sendo a experiência homossexual o ponto de partida da reflexão. Colocando em cena a discussão da afetividade, da conjugalidade, dos relacionamentos familiares e da violência, constatam que problemas individuais são coletivos, politizando o dia a dia e adquirindo, conforme explicitam, “consciência de seu papel na sociedade”.

Palavras-chave: Movimento Homossexual, Grupos de Consciência, Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (CELLOS/MG).

¹ Artigo apresentado no IX Encontro Nacional da ABHO, São Leopoldo, RS, 22 a 25 de abril de 2008.

* Doutorando do Programa da Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Abstract

How conscience groups of the Second Wave Feminism reflect on the organization of contemporary Homosexual Movement? This is the question of this paper, in which the lens to look to the dissertation data was changed by Pedro's (2007) work. It comes from oral sources (life stories) produced with four participants to sketch the role played by personal experiences in the constitution of the homosexual activist subjectivity. The "Encontros Tudo a Ver", as the weekly meetings of CELLOS/MG are called, are understood as rethinking of the conscience groups used in the Second Wave Feminism, in which women started to discuss the question of subjectivity in collectives formed exclusively by them. At these meetings, engaged homosexual man are encouraged to speak of themselves and, in this way, they produce their identities in a daily basis. The individual is objectified as the substance of social change. The meetings propose to dialogue world visions centered into the self, and homosexual experience is the start point of reflexion. Putting in stage the discussion of affection, conjugality, family relations and violence, they get to think that individual problems are group problems, making their own daily lives a political matter and acquiring, as they say, "conscience of their role on society".

Key words: Homosexual movement, conscience groups, Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (CELLOS/MG).

1. Introdução

Pensar o tempo presente é um desafio para pesquisadores que recorrem às fontes orais de interlocutores das sociedades complexas como método de produção de dados para suas pesquisas, uma vez que o estranhamento de nossos dados é dificultado sobremaneira pela vivência compartilhada entre pesquisador e interlocutores na mesma cultura. Este é o caso desta pesquisa, em que os sujeitos envolvidos compartilhavam – no momento de produção de dados – não somente o tempo, mas também o espaço e os discursos da política sexual. Para além da escusa, fundamental é pensarmos em como nossas próprias categorias estão inseridas em narrativas e desta forma, assumo neste trabalho a contingência da verdade, ou seja, contarei uma faísca do que pude perceber a partir das histórias narradas por ativistas de sua participação no movimento homossexual.

Neste trabalho foram usadas fontes orais de quatro ativistas, produzidas em um momento em que se buscava perceber como se dá a produção da identidade ativista do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (CELLOS/MG). A partir de leituras da historiografia feminista, percebeu-se um terreno fértil para um novo olhar sobre os dados, ou seja, a possibilidade de uma nova leitura do movimento homossexual a partir da semelhança existente entre seus modos de organização e a forma de organização do Feminismo de Segunda Onda.

Segundo Alessandro Portelli (1996) a narrativa gravada dos informantes que dissertam sobre suas vidas é entendida como um ato de interpretação, ou seja, memorar e narrar essas mesmas memórias é um exercício interpretativo. A subjetividade, entendida como “o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria existência” (*ibidem*:60), é considerada como um fato histórico. Afirma-se a existência do texto como material a ser estudado e que, de algum modo, é lido como objetivos e passíveis de análise científica. Como uma narrativa localizada historicamente, as memórias gravadas são textos que fazem jus ao seu tempo, exprimindo categorias e discursos que circulam em determinado período histórico. Dessa forma, “a história oral e as memórias [...] nos oferecem [...] um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias” (*ibidem*:72).

Connely e Clandinin (1995) alertam para a forma através da qual contamos e recontamos nossas histórias a todo momento e, desta forma, nos produzimos e nos identificamos nesses atos narrativos. Para os autores, o estudo das narrativas é um estudo da forma como as pessoas experienciam o mundo, o que faz com que o pesquisador que trabalha com fontes orais deva ser um aprendiz e contador de histórias coletivas.

Erving Goffman (1980) afirma que a natureza humana deve ser entendida como construção, uma vez que todas as pessoas ocupam posições produzidas nas relações sociais por meio do contato com outros. Neste processo as pessoas interagem com o outro e identificam-se ou não com as formas pelas quais o outro se entende. Stuart Hall (2005) pontua que não há originalidade em sermos nós mesmos, uma vez que a linguagem

nos precede, sendo a comunicação um acionamento do repertório discursivo que nos antecede, segundo a cultura em que estamos imersos. É nesse movimento que se justifica a necessidade de produzir uma memória coletiva (Le Goff, 1992) capaz de pensar o passado com vistas a lançar ao presente novas categorias e teorias capazes de explicar o presente e traçar caminhos em busca da justiça social.

2. O Feminismo de Segunda Onda e os Grupos de Consciência

Segundo Joana Maria Pedro (2008) o feminismo, enquanto movimento social, pode ser classificado, para fins teóricos, em diferentes ondas. Em um primeiro momento, as mulheres atuavam em busca de equiparação de direitos, por isso a pauta política, nesta primeira onda, centrava-se em direitos políticos como o direito ao voto, ao estudo em universidades, o direito de votar e ser eleita. Uma segunda onda, na qual se centra este trabalho, emerge logo após a Segunda Guerra Mundial, e é um momento em que as feministas passam a lutar pelo direito “ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado” (*ibidem*:2). É neste momento que uma das consignas conhecidas do movimento feminista é usada: “o pessoal é político”. Segundo Nancy Fraser (2007:293):

A história da segunda onda do feminismo apresenta uma trajetória impressionante. Fomentada pelo radicalismo da Nova Esquerda (New Left), essa onda do feminismo começou como um dos novos movimentos sociais que desafiaram as estruturas normatizadoras da social-democracia pós-Segunda Guerra. Originou-se, em outras palavras, como parte de um esforço maior para transformar o imaginário político economicista que tinha centrado atenção em problemas de distribuição entre as classes.

Fraser divide a Segunda Onda do Feminismo em três fases, uma vez que há a possibilidade da classificação – a partir de movimentos do imaginário de feministas. É possível, portanto, distinguir momentos em que os feminismos se relacionam a novos movimentos sociais, são atraídos para a política de identidades e, por fim, passam a ser praticados como uma política transnacional. Na primeira fase, na qual havia um Estado de Bem-Estar social, as feministas se integram a um movimento de questionamento de características do capitalismo que a social-democracia havia naturalizado, tais como a repressão sexual, o sexismo e a heteronormatividade. Nessa primeira fase há a politização do “pessoal”, trazendo para a cena política contestações que vão além da redistribuição socioeconômica, questionando divisões diferentes das “já problematizadas” divisões de classe. Essa primeira fase, como afirma a autora, fez com que as feministas passassem a usar estratégias similares às do Estado, ou seja, domesticando os mercados com vistas à superação da dominação masculina. Num segunda fase, em que o neoliberalismo ataca a ideia de redistribuição igualitária, as feministas atuavam, em um mesmo movimento,

segundo as políticas de reconhecimento, sendo cooptadas para as políticas de identidade, e contribuíram (mesmo sem terem esta clareza) com o neoliberalismo em seu ponto crucial: olvidaram as lutas econômicas em detrimento das políticas de reconhecimento. Uma terceira fase seria o momento em que vivemos (pós-11 de setembro), em que há uma “sociedade da insegurança” imposta e as preocupações feministas centram-se, principalmente, nos desafios da luta contra a injustiça. Desse modo, o feminismo deve ser entendido, nesta terceira fase, como um problema tridimensional, em que deve ser retomada a luta “economicista” por redistribuição socioeconômica, o reconhecimento como uma vertente culturalista do feminismo, e a representação como uma forma de se reenquadrar as lutas por justiça em um paradigma transnacional.

Pedro (2007), com sua pesquisa em periódicos feministas, afirma que os grupos de consciência (ou grupos de reflexão, como ficaram conhecidos no Brasil), foram uma prática comum de coletivos de mulheres que se iniciou nos Estados Unidos. Os grupos, formados exclusivamente por mulheres, tinham o objetivo de ampliação da consciência e sempre se remetiam à necessidade em se constituir coletivos exclusivamente compostos por elas. Para a autora, as mulheres se reuniam nestes grupos para fugir das desqualificações sofridas por elas em outros movimentos, como é o caso do movimento contra a ditadura militar no Brasil. Na medida em que estes grupos foram se estruturando, ficou claro que a grande maioria de suas integrantes provinham de outros movimentos políticos e que ali tinham um espaço de conversa não só de temas superestruturais, mas temáticas do cotidiano eram levantadas e tratadas como parte de uma política de (re)invenção constante do sujeito Mulher. Estes grupos foram, conforme constata a autora, uma forma de várias mulheres se identificarem com o feminismo.

Este artigo tem o objetivo de perceber como os grupos de consciência do Feminismo de Segunda Onda, enquanto forma de organização de feministas, refletiram na organização do movimento homossexual contemporâneo. Dessa forma, fez-se um exercício de história comparada entre dois fenômenos que incorporam a política sexual contemporânea: o movimento feminista e o movimento homossexual. Buscou-se encontrar semelhanças, mais que diferenças, entre os dois movimentos, uma vez que foram as semelhanças que moveram a escrita deste artigo.

Boris Fausto (2004) lembra o quanto o tema da comparação foi polêmico na constituição da história enquanto disciplina, seja por buscar universais ou categorias classificatórias. A aversão dos historiadores em relação a pesquisas comparativas (comuns à Sociologia) é explicada pelo autor como sendo um movimento contrário ao questionamento do fato histórico como possuindo um caráter único e irredutível. O autor demarca que a evocação da singularidade de um fato histórico já é, de certa maneira, uma comparação com as categorias teóricas usadas pelo pesquisador que escreve e analisa. Na descrição de Fausto dos movimentos da história comparada, afirma-se que, neste artigo, tomou-se dois universos próximos para comparação, tanto no tempo como no espaço, e que fica em aberto um aprofundamento da reflexão no que tange às diferenças, existentes

e claras, entre o Feminismo de Segunda Onda e as reuniões dos grupos de homossexuais contemporâneos.

3. Encontros e dissidências: (re)pensando práticas e experiências

O Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (CELLOS/MG)¹ surge em 2002 como uma entidade civil sem fins lucrativos, proclamada ONG. Mas é antes disso que movimentações esporádicas reuniram um grupo de jovens homossexuais masculinos. Deste pequeno grupo inicial, tive a oportunidade de entrevistar quatro indivíduos². Rick³, branco, hemofílico, de camadas populares e com 31 anos no momento da entrevista. Lucas, também com 31 anos, pardo, de descendências indígenas e oriundo de camadas médias do Norte do país. Vicente, com 43 anos, é o mais velho do grupo (uma exceção à época), branco e também de camadas médias; e, por fim, Edivan, com 27 anos no momento da entrevista, um homem negro, nordestino, de camadas populares, que migra para Belo Horizonte para viver com seu irmão mais velho, também homossexual.

Lucas e Edivan estiveram presentes no coletivo que fundaria o CELLOS/MG desde os primeiros encontros. Edivan lembra que, um dia, seu irmão mais velho, com quem vivia em Belo Horizonte, retornou de um passeio com o parceiro e que naquele momento haviam discutido a ideia de fundarem um grupo. Também Lucas narra que nessas primeiras conversas estavam presentes dissidentes de outras entidades homossexuais, militantes de partidos políticos de esquerda, além de homossexuais dispostos a discutir a política sexual a partir de um grupo horizontalmente organizado em que fosse estimulado o “protagonismo social” de cada participante.

Há aqui, representada, uma dupla dissidência, tanto com a vanguarda homossexual, como com a esquerda, e é essa dupla dissidência que faz com que os homossexuais organizados, nesse momento, reiviniquem a necessidade de se pensar outra forma de fazer política sexual que não seja vinculada nem ao assistencialismo a que se submeteram as ONGs homossexuais para darem respostas coletivas à AIDS nas décadas de 1980 e 1990, como tampouco à falta de compromisso da esquerda com a pauta política a que estavam comprometidos. Para Lucas, o movimento homossexual se diferencia dos partidos de esquerda por priorizar mais o indivíduo do que a revolução socialista, apesar de reivindicar esta:

Nós trabalhamos com pessoas, seres humanos, que sofrem, que amam, que choram. [...] Estar dentro desse coletivo é também focar o indivíduo. [...] Fui de movimento de partido e tal, e dificilmente a gente discutia o indivíduo. A gente

1 Para referências sobre os objetivos da entidade, bem como ter acesso a documentos como a carta de fundação, cartas abertas à população, dentre outros, acesse www.cellosmg.org.br.

2 Para uma análise biográfica de cada um dos interlocutores, ver Fernandes (2007a; 2007b).

3 Para uma análise profunda da biografia de Rick, ver Fernandes (2006).

discutia o geral. Geral, a estratégia que é o importante, as ações que você tinha que cumprir. Agora não queriam saber se você está desempregado ou que você brigou com o namorado. O importante é o geral.

Para ele, há a necessidade de se discutir questões individuais para que o participante do grupo possa perceber-se imerso em um processo amplo que visa à transformação da sociedade:

A gente tem que preparar o indivíduo para a luta geral. [...] Para aquela pessoa chegar a ser ativista gay ela já quebrou milhões de barreiras e a gente não pode desperdiçá-la, porque militante gay não nasce em árvore. Aquela ali é uma pérola e a gente tem que ir com todo cuidado para a gente não perder aquela pérola. [No movimento homossexual] há essa valorização do ser humano.

Vicente, que já atuava nas ações do movimento homossexual em outra entidade a qual categoriza como movida somente para a captação de recursos para projetos de prevenção às DST/HIV/AIDS e propaganda institucional, via nesse grupo que se formava a possibilidade de uma política sexual vinculada à valorização grupal e individual. A convite de Lucas, ingressa no coletivo que se estruturava naquele momento:

Eu conheci o grupo CELLOS/MG através do Lucas, ele já tinha me visto [na outra entidade]. [...] Estavam montando o grupo CELLOS/MG, [ele] me convidou e até hoje estou nele. É um grupo que eu gosto muito porque tem pessoas ecléticas. [...] A maioria das pessoas eu acho que querem somar.

A orientação deste grupo inicial era convidar o máximo de amigos e possíveis participantes. Foi assim o ingresso de Rick no grupo que, a convite de Edivan, pode iniciar sua participação nestas reuniões:

Quando eu ingressei no movimento homossexual foi através do meu amigo e companheiro que mora comigo, o Edivan. Ele já participava da CELLOS/MG. Eu não tinha conhecimento de movimento nenhum. Ele foi conversando comigo, pediu que eu conhecesse a ONG.

Com características de grupo de consciência aos moldes do Feminismo de Segunda Onda (Pedro, 2007; 2008), o coletivo de homens homossexuais começou a se reunir na casa de seus membros e discutiam temáticas que iam além da reivindicação de equiparação de direitos civis, apesar de estas existirem. Este momento foi aquele em que se constituía uma identidade grupal mediante o estreitamento de laços sociais. Comuns eram os lanches coletivos, em que cada participante levava um petisco, ou bebida. Ali era o local

de liberdade discursiva sem as amarras controladoras da esquerda ou o burocratismo dos projetos de respostas coletivas à AIDS, conforme explicitam. Ali o participante era “protagonista”, e não base de um dirigente qualquer.

Narrando um momento anterior à institucionalização do grupo, Edivan lembra como conheceu o parceiro, também participante do grupo, através desta rede de relações em uma das Paradas do orgulho homossexual de Belo Horizonte: “foi quando eu conheci o C., e aí me apaixonei pelo C. perdidamente na parada. Acho que foi a segunda para a terceira Parada que a gente foi. Eu nem era do CELLOS/MG também. E eu conheci o C. e aí me apaixonei por ele, a gente começou a ficar”. Estava assim, em 2002, formado um grupo de cerca de quinze homens homossexuais que foram os sócios fundadores do CELLOS/MG.

4. A institucionalização do grupo

Em março de 2003 foi realizada a reunião em que foi lançada a carta aberta do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (CELLOS/MG). Redigida pelo irmão de Edivan e revisada por Lucas, a carta remetia à necessidade de novas respostas à homofobia e à forma como se organizavam os homossexuais, reivindicando uma entidade vinculada às lutas sociais e aos direitos humanos, e capaz de dar voz aos homossexuais “mais oprimidos” de camadas populares. Com esta diretriz, o CELLOS/MG nasce como um núcleo revolucionário de homossexuais que buscavam “conciliar” a luta geral com as demandas específicas de um público submetido à marginalização social devido às suas relações afetivo-sexuais. Prática comum, nesse momento, era o combate ao stalinismo e a direções engessadas, estimulando os participantes a se posicionarem politicamente, compartilharem suas experiências e assumirem tarefas no grupo:

Quando o D. [outro integrante do grupo] escolheu o nome do CELLOS/MG, ele escolheu muito bem. Porque essa palavra luta demarca o que é o CELLOS/MG. E não é o CELLOS/MG que vai promover nada, não vai fazer nada pelos outros. Ele vai ser aquele instrumento para você ser o seu protagonista social. Você que vai lutar junto com a gente. Então não é o CELLOS/MG que vai tomar as dores de todo mundo não. Se vierem aqui para a gente construir junto, a gente constrói. Mas se não...

Com estas orientações, o grupo se constitui como ONG e realiza sua primeira reunião enquanto tal no Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Serviços de Saúde (SINDESS), onde uma companheira partidária de Lucas é dirigente. Nesta reunião os participantes assistiram ao documentário “Parágrafo 175” (dirigido por Rob Epsteins e Jeffrey Friedman, Berlim, 1999) que mostrava como o governo fascista de Adolf Hitler, na Alemanha, abordava as questões homossexuais. A reunião teve a participação de quinze

pessoas. A partir daí, os participantes do grupo começaram a se reunir semanalmente na sede da Associação Lésbica de Minas (ALEM), cedida para a realização das atividades do grupo, que se consolida com uma formação exclusivamente homossexual masculina.

Cada reunião era organizada por um dos participantes e envolviam as mais diversas discussões, desde cursos de formação política, ministrados por convidados ou participantes com experiência nos movimentos sociais, até dinâmicas de grupo, orientações estéticas e as recorrentes conversas sobre temas do cotidiano em que os participantes eram estimulados a falarem de si e de suas experiências com a violência, namoro, família etc. As reuniões aconteceram na sede da ALEM por cerca de um ano, até que o CELLOS/MG, já reconhecido na capital mineira, passou a compor a Coordenação Participativa do Centro de Referência da Diversidade Sexual (CRDS) da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH). Neste momento, o CELLOS/MG passa a se reunir na sede da Secretaria Adjunta do Trabalho e Direitos Humanos da PBH.

5. A organização semanal dos “Encontros Tudo a Ver”

Uma vez organizados na Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), o CELLOS/MG começou um processo de crescimento no número de participantes em suas atividades. Três delas são atividades permanentes da entidade: o Vídeo-Pipoca, o Vôlei da Diversidade e os Encontros Tudo a Ver. No Vídeo-Pipoca são projetados filmes em que temáticas pertinentes aos objetivos do grupo, geralmente homoeróticas, são sempre seguidos de debates mediados por um participante do grupo em sistema de rodízio. O grupo possui, também, um time de vôlei que treina quinzenalmente. Semanalmente realiza uma reunião com os integrantes do grupo para discussão das experiências de vida abordando vários temas relacionados ao cotidiano – namoro, sexo, família, diversão, direitos, discriminação, saúde e outros correlatos.

Os Encontros Tudo a Ver foram, inicialmente, um projeto em parceria com o Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS (GAPA) de Belo Horizonte, em que um de seus psicólogos coordenava a reunião, sempre mantendo o caráter de grupo de consciência. Com o término da parceria, as reuniões permaneceram com este nome. Rick, através de uma narrativa das tarefas que possui no grupo, ilustra a forma pela qual as reuniões se organizam em sistema de troca constante de mediadores:

Você vive [quando é ativista], mas não vive totalmente. Porque se é que você pode estar na sua casa descansando, mas sempre você vai estar preparando algo para a frente, ou seja, uma reunião que você vai presidir. [...] Você vive em partes, em termos. [...] Eu tenho uma reunião, amanhã eu tenho que participar de um congresso, amanhã eu tenho que dar uma palestra, amanhã eu tenho que dar uma oficina.

Edivan compara as reuniões do movimento homossexual com atividades que não

pertencem à alçada humana (sagrado). Ao narrar sobre seu envolvimento com o tráfico de drogas, lembra que, mesmo imerso em uma malha de compra e venda de crack e maconha, frequentava as reuniões do grupo do qual participava, em Natal/RN como adolescente: “[eu] continuava, eu ia para as reuniões sagradas, cheio de dinheiro, ninguém sabia porque”. Lucas afirma que o número de reuniões atendidas por ele supera quaisquer outros aspectos de sua vida:

Se eu for contabilizar o número de reuniões, o número de articulações e lutas que eu já fiz na minha vida... Eu só faço isso. Isso supera o número de sexo, supera o número de tudo. Se eu colocar tudo assim, passeatas, reuniões, articulações, as ações de luta, com certeza eu não fiz nada superior a isso na minha vida, só isso.

Assim, as reuniões do grupo são as formas pelas quais a política homossexual é produzida no CELLOS/MG, sendo as reuniões um importante lugar em que as experiências ativistas ocorrem. Nestes momentos, os homossexuais se organizam, propõem debates que acreditam serem pertinentes e atuam na produção de discursos sobre si mesmos, produzindo no cotidiano suas identidades. Como disse Edivan:

Quando eu vejo os gays perdidos, que saem do grupo ou por bobagem ou por uma causa grave como foi eu e o C., eu vejo neles um vazio assim. Aqui em Minas Gerais a referência de grupo é nós mesmo. Não adianta. Você sente isso até no grau de conversa, quando você conversa com um gay cellista ou com um gay que não é cellos.

6. Conclusão

A partir das narrativas dos ativistas homossexuais, pudemos ver que o Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (CELLOS/MG) concilia a luta pela equiparação de direitos encabeçada pela direção do movimento homossexual nacional com a produção de discursos sobre si mesmos, estimulando o confronto de experiências individuais que, em diálogo nas reuniões compostas exclusivamente por homens homossexuais, pautam o cotidiano da entidade. Além do mais, no momento de emergência da entidade, percebe-se que o que movia aqueles indivíduos para o grupo era a necessidade de compartilharem experiências nomeadas por eles como singulares, ou seja, experiências possíveis unicamente pelo fato de serem homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens, sendo, portanto, o desejo um fator que produz identificações concretas entre homens.

Há uma clara vinculação dos objetivos do grupo em transformar a sociedade em que vivem a partir do combate à homofobia, o que indica a vinculação destes homens com a formação política de seus participantes, com vistas a tomarem consciência de seu papel

ativista na educação, tanto de seus pares, como da sociedade como um todo sobre supostas mazelas da violência contra pessoas homossexuais.

A escolha dos fundadores do CELLOS/MG em ser um grupo exclusivamente masculino demonstra como a experiência sexual destes homens produz modos de vida nomeados como particulares e, desta forma, percebem suas práticas e vivências como diferentes daquelas vividas por transgêneros ou lésbicas. Entretanto, aliados ao feminismo e às lutas sociais, afirmam a necessidade de construir respostas à luta geral, que seria aquela luta vinculada aos direitos humanos como um todo, com vistas à revolução socialista.

No cotidiano da entidade, estes ativistas se relacionam como amigos, parceiros e companheiros de luta. Contam histórias, narram-se e inventam-se. Incentivando que todos tenham voz nas reuniões, buscam um discurso único que seja capaz de transmitir o universal que acreditam possuir, valorizando a identificação homossexual por si mesma como algo a ser prestigiado na existência contemporânea.

Enfim, com todo o exposto através das fontes orais e dialogando com as pesquisas históricas sobre o Feminismo de Segunda Onda, sou levando a acreditar que as reuniões semanais do grupo, nos moldes dos grupos de consciência (Pedro, 2007; 2008), são reflexos do que foi o feminismo nas décadas de 1970 e 1980, ou seja, setores do movimento homossexual contemporâneo compartilham experiências semelhantes ao que viveram mulheres feministas quando passaram a lutar como um novo movimento social, segundo as políticas de identidades.

Referências bibliográficas

- CONNELY, F. M. e CLANDININ, D. J. Relatos de experiencia e investigación narrativa. *In* LARROSA, Jorge *et alii*. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Laertes, 1995.
- FERNANDES, Felipe Bruno Martins. Muito Prazer, sou CELLOS, sou de luta: a produção da identidade ativista homossexual. Dissertação de mestrado, Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007a.
- _____. Trajetórias de ativistas homossexuais do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais. IV Encontro Regional Sul de História Oral, Florianópolis, 2007b.
- _____. e RIBEIRO, Paula Regina Costa. A produção das identidades ativistas no movimento homossexual brasileiro. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, Goiânia, 2006.
- FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. **Estudos Feministas**, vol. 15, nº 2, 2007, p. 291-308.
- GOFFMAN, Erving. A elaboração da face. Uma análise dos elementos rituais da interação social. *In* FIGUEIRA, S. (org.). **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 76-114.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- PEDRO, Joana Maria. Nosotras, nós mulheres, nos/otras, noidonne. Rede de divulgação feminista dos anos 70 e 80. *In* WOLFF, C. S.; FÁVERI, M. e RAMOS, T. R. O. **Leituras em rede: gênero e preconceito**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.
- _____. Uma nova imagem de si: identidades em construção. *In* RAMOS, A. F.; PATRIOTA, R. e PESAVENTO, S. J. **Imagens na história. Objetos de história cultural**. São Paulo: Hucitec, 2008.
- PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, vol. 1, nº 2, 1996, p. 59-72.
- FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. **Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada**. São Paulo: Editora 34, 2004.

Fontes Orais

Edivan (pseudônimo): ativista homossexual do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais. Entrevistado em 13 de março de 2006.

Lucas (pseudônimo): ativista homossexual do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais. Entrevistado em 05 de junho de 2006.

Rick (pseudônimo): ativista homossexual do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais. Entrevistado em 14 de março de 2006.

Vicente (pseudônimo): ativista homossexual do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais. Entrevistado em 16 de março de 2006.